

# Reunião da SBPC cresce e evolui mas repercute menos

Terezinha Costa\*

BRASÍLIA — A verdadeira maratona que foi a 39ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) — ao longo da semana circularam diariamente pelo campus da Universidade de Brasília mais de 10 mil pessoas, que assistiram a 94 simpósios, 45 conferências, 36 cursos e mais de 2 mil 700 relatos de pesquisas — terminou ontem com um resultado contraditório: a reunião deste ano foi a que atraiu mais gente, apresentou mais eventos, mas foi também a que teve menos repercussão fora do campus, pelo menos se comparada com os anos de glória da segunda metade da década de 70.



Essa pouca repercussão reflete o que talvez se possa chamar de uma crise de identidade da SBPC: a partir da década de 70 e até o advento da Nova República, suas reuniões anuais funcionavam como um dos poucos canais de manifestação política disponíveis para a resistência ao regime militar. Nesse período, a reunião perdeu sua característica acadêmica (de foro para apresentação de trabalhos científicos, transferidos para encontros específicos dos cientistas de cada área, realizados ao longo do ano). Findo o regime militar, tratava-se de pensar o papel das reuniões da SBPC. Essa reflexão começou em 1985, em Belo Horizonte, e continua ainda. As discussões esta semana rolaram nos corredores e nas barraquinhas montadas à entrada do campus.

**Novidade** — O reitor da Universidade de Brasília, Christovam Buarque, por exemplo, julga ter vislumbrado algo de novo na reunião deste ano:

— Até três anos atrás, a preocupação da comunidade científica era conquistar a democracia. Agora, é procurar respostas sobre como utilizar os recursos do nosso país para melhorar as condições de vida de seu povo. Essa é uma inquietação que vai durar muito tempo — diz ele.

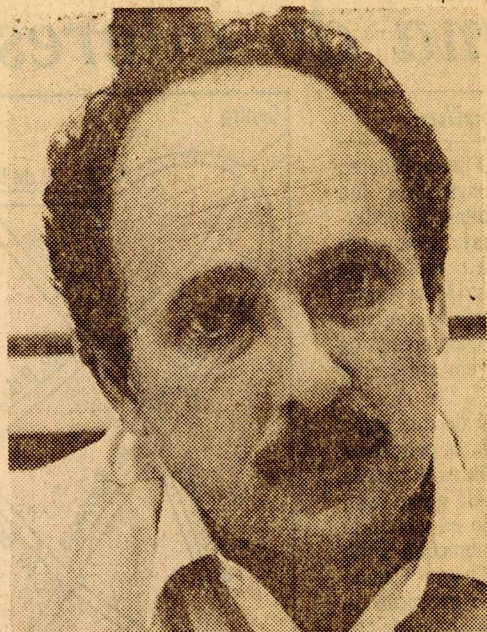
Mas, se essa preocupação apareceu, por que em todos os eventos que trataram dos grandes temas nacionais (o tema geral era, justamente, "o futuro do Brasil hoje") o discurso de um modo geral parecia retórico, vazio, repetitivo? Por que não apareceram contribuições reais, novas, ao tratamento dessas questões? O físico Fuad Assad, da Universidade de São Paulo, julga que isso não ocorre só com os cientistas:

— Estamos todos meio perdidos. Os cientistas, o governo, todo mundo. A indefinição, a perplexidade são gerais. E são consequência do fato de que entramos em choque com o passado. Antes a ditadura fazia tudo e nós criticávamos. Agora somos nós que temos que fazer. Está faltando competência e sobrando perplexidade. O governo e a SBC têm isso em comum — diz ele.

A opinião de outro físico, Ênio Candotti, veterano militante da SBC, não é muito diferente: — A vida da nação está mais complexa. É mais complexo se mover nessa nova realidade.

A presidenta da SBC, a psicóloga paulista Carolina Bori, lembra que uma tentativa de responder a essas novas exigências foi feita este ano, com a introdução dos simpósios multidisciplinares para tratar dos grandes temas — saúde, educação, energia, meio ambiente, armas nucleares, entre outros:

— Os simpósios pretenderam enfrentar a questão de saber se a SBC é política ou não. A idéia foi modificar a feição de denúncia pela denúncia e tornar mais consistente o tratamento das grandes questões. Acho que começamos a conseguir isso. As sociedades



Para Buarque, rumo novo na SBPC



Candotti: a realidade complexa

científicas começaram a trazer pessoas que são realmente pesquisadoras na área tratada.

Bori pretende manter a idéia, aperfeiçoada, na reunião do ano que vem, marcada para São Paulo.

A questão da ação política da SBPC foi amplamente discutida nos bastidores da 39ª reunião, num processo nem sempre indolor, e que às vezes deixou em lados opostos cientistas do Rio e de São Paulo (estados onde, naturalmente, estão as lideranças mais ativas da comunidade científica). Dois momentos em que essa oposição chegou a extravasar os bastidores foram a questão das armas nucleares e a ida da diretoria da SBPC ao Palácio do Planalto, para entregar ao deputado Ulysses Guimarães (então exercendo a presidência da República) um documento de reivindicações.

**Queixas** — O carioca Ênio Candotti (italiano de nascimento), que é vice-presidente da SBPC, não gostou que o paulista José Goldemberg tivesse divulgado, na quarta-feira, o documento em que a entidade se pronuncia sobre o programa nuclear paralelo, antes que o texto tivesse sido examinado no simpósio especialmente programado para isso.

— O documento saiu falho, tímido, fraco — queixou-se Candotti.

O também carioca e também físico Luís Pinguelli Rosa achou pouco a ida da diretoria a Ulysses:

— A SBPC podia ter ido mais longe. Tinha que ter havido uma ida coletiva, não apenas da diretoria, ao próprio Congresso constituinte e lá seria feita a entrega do documento a Ulysses.

As discordâncias são, porém, consideradas naturais. Candotti, por exemplo, lembra que durante muito tempo a comunidade científica "acostumou-se a ficar sob o guarda-chuva da SBPC." Com o crescimento dela e organização das sociedades específicas — de física, de química, de genética, de ciências sociais, para citar algumas — "abriu-se uma nova etapa de busca de independência", diz ele.

A presidenta da SBPC, Carolina Bori, não se abala:

— Há dissensores, há até brigas. Mas tem que ser assim. Pesquisador não teme a dissensão. É ela que faz o conhecimento avançar.

\* Participaram Raquel Ulhoa e Simone Salles

## Alimentos contaminados são 70%

Mais de 70% de todos os alimentos — carne, leite e seus derivados — estão contaminados com substâncias químicas organocloradas, usadas na fabricação de inseticidas e defensivos agrícolas. Altamente tóxica, a substância, se ingerida continuamente, pode causar câncer, paralisias, convulsões e retardamento mental.

A denúncia é do professor titular de Farmacologia e Toxicologia da Universidade de São Paulo, João Palermo Neto, durante o simpósio de contaminação de alimentos promovido pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). O alerta do professor da USP foi reforçado pela presidente da Sociedade Brasileira de Ciência e Tecnologia de Alimentos, Luis Eduardo Carvalho, que marcou audiência com o ministro da Saúde, Roberto Santos, na próxima sexta-feira, para cobrar maior eficácia da vigilância sanitária e produtos alimentícios.

— Chega de gelatina com cromo, suco de frutas com excesso de dióxido de enxofre, carne bovina com hormônio e leite radioativo de Chernobyl — acusou Luís Eduardo Carvalho, que

pedirá a Roberto Santos a mudança imediata de toda a legislação de rotulagem de alimentos.

— O consumidor precisa e tem o direito de saber o que consome e quais os danos para a sua saúde — advoga.

Segundo dados do professor João Palermo Neto, 277 substâncias químicas altamente tóxicas estão liberadas para a fabricação de inseticidas agrícolas. Essas substâncias dão origem a mais de 4 mil marcas de produtos. Só nove estão permitidas para uso agropecuário para não permitir que contamine os alimentos.

— O uso indiscriminado desses inseticidas já provocou a paralisia dos membros inferiores de mais de 50 trabalhadores do algodão na cidade de Nova Ceilândia, no Ceará — afirmou João Palermo.

Não se está pedindo nada de absurdo ou impossível, na opinião de Luís Eduardo Carvalho, que reivindica a exigência de concurso público para admissão de fiscais de vigilância sanitária, estabilidade de emprego para os funcionários da vigilância e melhores salários.